

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

2



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

2



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 2

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 2 /  
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0281-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.817222605>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,  
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste segundo volume onze artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1** A FUNÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE MULHERES NEGRAS BENZEDEIRAS E REZADEIRAS MORADORAS DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA/MINAS GERAIS

Teresinha de Jesus Ferreira

Antônio Marcos de Oliveira Siqueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226051>

### **CAPÍTULO 2..... 10** AGORA É QUE SÃO ELAS: UM ESTUDO SOBRE O EMPODERAMENTO DE MENINAS E A IGUALDADE DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO

Josélia Rita da Silva

Rafael Soares Salles

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226052>

### **CAPÍTULO 3..... 28** RESSIGNIFICAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Anna Christina Freire Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226053>

### **CAPÍTULO 4..... 40** PATRIARCADO, *INSTAGRAMMERS*, RELAÇÕES DE CONSUMO: UM OLHAR DISCURSIVO SOB PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS

Sara Asseis de Brito

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226054>

### **CAPÍTULO 5..... 64** O LUGAR DA PROSTITUTA NO OCIDENTE: APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE O TRABALHO SEXUAL

Rosemary Fernandes Correa Alencar

Gabriela Ramos Miranda

Vanessa Mairla Lima Braga

Tania Cristina Cardoso

Jayna Pereira Fontes dos Santos

Leula Campos Silva

Maria Almira Bulcão Loureiro

Ana Cassia Martins Ribeiro Cruz

Alda de Nátia Martins Bottentuit

Nicanor Urbano Pinheiro de Sousa

Gilvania Batista Santos

Elzimar Costa Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226055>

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>79</b>
MULHERES/AMANTES: REPRESENTAÇÕES SOBRE A CONDIÇÃO DE SER A “OUTRA”	
Maria Jorge dos Santos Leite	
Alexsandra Dias Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226056">https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226056</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>89</b>
IMPACTO DEL ACCIONAR DEL CENTRO DE EMERGENCIA MUJER EN LA VIOLENCIA DE GÉNERO DE LA MUJER DEL ALTIPLANO PERUANO	
Juana Victoria Bustinza Vargas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226057">https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226057</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>102</b>
HOMOSSEXUALIDADE E O DIREITO CONSTITUCIONAL À SAÚDE: REFLEXÕES EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE NO BRASIL	
Victor Hugo Milagres	
Lara Fieto de Toledo	
Lana Francischetto	
Ísis Micaelly de Oliveira Morais	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226058">https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226058</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE	
Kathleen dos Santos Silva	
Brenda de Lima Pinto da Silva	
Beatryz Andrade Lira	
Katuscia Kintschev	
Zaira de Andrade Lopes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226059">https://doi.org/10.22533/at.ed.8172226059</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
A VIOLÊNCIA TRANSFÓBICA NO ESTATUTO TEÓRICO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES DE PERSPECTIVAS FEMINISTAS PARA UM ESTUDO DO TRANSFEMINICÍDIO E DA PRECARIIDADE SOCIAL DE MULHERES TRANS	
Silvana Marinho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.81722260510">https://doi.org/10.22533/at.ed.81722260510</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
ANÁLISE DOS EFEITOS JURÍDICOS E SOCIAIS DOS PROJETOS DE LEI APRESENTADOS EM SANTA CATARINA CONTRA GRUPOS IDENTITÁRIOS TRANS GÊNEROS	
Maria Lis Cardoso	
Luiz Harley Caires	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.81722260511">https://doi.org/10.22533/at.ed.81722260511</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>158</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>159</b>

## MULHERES/AMANTES: REPRESENTAÇÕES SOBRE A CONDIÇÃO DE SER A “OUTRA”

*Data de aceite: 02/05/2022*

### **Maria Jorge dos Santos Leite**

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC; professora da Universidade de Pernambuco

### **Alexsandra Dias Pereira**

Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central-FACHUSC; professora do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Salgueiro/PE

**RESUMO:** Não existe algo tão particular e íntimo que a relação afetiva/amorosa entre um homem e uma mulher. No entanto, tal relação é também social e histórica. Quando analisadas pelos historiadores as relações, sejam elas amorosas ou de qualquer outra natureza, ganham uma nova dimensão - uma dimensão histórico-social. Este trabalho destaca, em primeiro momento, um pouco da história de algumas mulheres que se tornaram conhecidas por terem vivido na condição de amantes de homens que exerceram importantes papéis políticos na história. Em segundo momento, visa compreender as representações e os sentimentos de mulheres comuns, que vivem ou viveram na condição de “a outra”. Metodologicamente utilizamos pesquisa bibliográfica, documental e empírica, seguida da análise qualitativa dos dados. O estudo constatou que a infidelidade masculina é socialmente aceitável e justificada, enquanto que as mulheres consideradas infiéis, ou em condição de amante

de homens casados, são sempre discriminadas ou julgadas socialmente. Não obstante, muitas demonstram felicidade diante de sua condição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amante, a “outra”, amor, sociedade, preconceito.

**ABSTRACT:** There is nothing so private and intimate as the affective/loving relationship between a man and a woman. However, this relationship is also social and historical. When analyzed by historians, relationships, whether love or of any other nature, gain a new dimension - a historical-social dimension. This work highlights, at first, a little of the history of some women who became known for having lived as lovers of men who played important political roles in history. Secondly, it aims to understand the representations and feelings of common women, who live or have lived in the condition of “the other”. Methodologically, we used bibliographic, documentary and empirical research, followed by qualitative data analysis. The study found that male infidelity is socially acceptable and justified, while women considered unfaithful, or in love with married men, are always discriminated against or socially judged. Nevertheless, many show happiness in the face of their condition.

**KEYWORDS:** Lover, the “other”, love, society, prejudice.

### **INTRODUÇÃO**

As relações amorosas entre homens e mulheres constituem os aspectos da vida privada, baseadas em valores e normas socialmente

estabelecidos, sendo que estes podem variar de acordo com a sociedade. Stearns(2007), ao estudar as relações entre homens e mulheres lança a seguinte problematização:

O que acontece quando uma sociedade que enfatiza a obrigação de mulheres acatarem a vontade dos homens encontra pessoas de outra sociedade que acredita que as mulheres são, por natureza, moralmente superiores que os homens? O que acontece quando a sociedade que reverencia a masculinidade e as façanhas masculinas, mas na qual a maior parte dos homens são comparativamente limitados, encontra pessoas de outra sociedade que equipara a masculinidade com grandeza? (STEARNS, 2007,p.15).

Esse questionamento nos mostra a existência de diferenças nas formas como as sociedades constroem as relações sociais de gênero e estabelece uma reflexão em torno das consequências provocadas pelo contato entre povos que pensam a agem diferente em relação ao lugar do homem e da mulher na sociedade. Pesquisas históricas, a exemplo da de Stearns (2007), indicam que, apesar das diferenças entre sociedades, a maioria delas reserva à mulher uma condição de submissão, a dedicação ao lar e à vida conjugal e familiar. Tal condição não se aplica a todas as mulheres, narrativas históricas são enfáticas em apontar a existência de mulheres, que desafiando os padrões sociais de suas épocas, acabaram negado a condição de submissão para viverem romances extraconjugais que lhes proporcionassem prazer e aventura.

Nessa perspectiva, temos referências históricas a respeito de várias mulheres, entre elas podemos destacar: Cleópatra, rainha de Egito, que após enviuvar de um casamento arranjado, usou sua inteligência e poder de sedução para conquistar dois imperadores romanos: Júlio César e Marco Antônio; Domitila de Castro, Marquesa de Santos, que mesmo sendo casada com o alferes Felipe Pinto, de quem foi vítima de agressões físicas, tornou-se amante do Imperador Dom Pedro I; Josefina de Beauharnais que, depois de viúva, viveu na condição de amante de vários políticos franceses e tornou-se esposa de Napoleão Bonaparte; Carlota Joaquina, esposa infiel de D. João VI; Ana de Assis, esposa do escritor Euclides da Cunha, que substituiu o marido pelo jovem Dilermano Cândido de Assis.

Encontram-se, ainda, na mitologia grega, narrativas que demonstram as paixões despertadas por belas mulheres como Helena, esposa do grego Menelau, que despertou ardorosa paixão no Troiano Paris, sendo raptada pelo mesmo, fato que ocasionou à Guerra de Tróia. De acordo com a *Ilíada* homérica, Helena e Menelau se reconciliaram após o termino da guerra.

Os famosos casos de infidelidade feminina vividos por personalidades que deixaram suas marcas na história não foram suficientes para superar o preconceito contra as mulheres que não seguem os padrões de valores de suas sociedades. No Brasil, apesar das conquistas do movimento feminista nos últimos tempos, as mulheres consideradas “amantes”, “concubinas” ou a “outra” , ainda são vistas com muito preconceito. Este artigo tem como objetivo discutir questões relacionadas aos casos amorosos que entraram para

a história; refletir sobre as representações, os sentimentos e a percepção que algumas mulheres (amantes, concubinas ou infiéis) têm de si próprias na atualidade e as formas de preconceitos sofridos por estas mulheres.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa historiográfica, através de fontes escritas como livros, revistas, artigo científico e sites da internet; associada a uma empírica, onde duas mulheres/amantes (cujos nomes são aqui mencionados são fictícios) foram entrevistadas e falaram sobre as motivações que tiveram para tornarem-se amantes.

## **RAINHAS SEM COROA: AS AMANTES DO REI**

Conforme já mencionado, foram muitas as mulheres que em diversas épocas desafiaram os padrões sociais de suas sociedades e tornaram-se amantes de personalidades políticas da história ou tiveram casos extraconjugais. Alguns desses casos são bem conhecidos nossos por fazerem parte da história do Brasil, como o de Carlota Joaquina e o da Marquesa de Santos. São casos que, além de fazerem parte da memória histórica brasileira, ficaram também imortalizados na “sétima arte”- o cinema-, através dos filmes: “Carlota Joaquina”, de Carla Camurati(1995) e a Marquesa de Santos, dirigido pela Manchete Vídeos (1984). Outros casos semelhantes são ainda desconhecidos, vindo à tona somente quando algum historiador “escarafunchando” os arquivos em busca de fontes acabam descobrindo diários pessoais, cartas, fotos ou outros documentos que lhes permitem reconstituir, na medida do possível, alguns desses “famosos” casos de amor.

A revista “Aventuras na História”, nº 99, de outubro de 2011, traz uma reportagem intitulada “O poder das amantes”, de autoria de Fernanda de Castro Lima, que revela casos curiosos revelando que algumas mulheres foram escolhidas por reis, “mas não viraram rainhas. Mesmo sem coroa algumas se tornaram tão poderosas que mudaram o mundo”(LIMA, 2011,p.57).

De acordo com essa fonte, os casamentos “reais” quase sempre eram resultado de acordos políticos e econômicos entre poderosas famílias. Por assim ser, eram compreensível que nem sempre houvesse amor entre os cônjuges. Assim, era comum o rei buscar prazeres nos braços de outras mulheres que não a sua esposa. De acordo com o historiador inglês Robin Briggs, “Pais empurravam as filhas mais atraentes para os braços do rei, torcendo para que elas terminassem em sua cama”(Apud, LIMA, 2011,p.57). Ao tonarem-se amantes, essas belas moças tinham acesso direto ao rei e eram vistas como as mais interessadas no seu bem-estar, além de ser uma fonte segura de informações sobre a corte.

Diane de Poitiers nasceu no final do século XV, era filha de nobres e casou-se muito jovem com um homem quase 40 anos mais velho do que ela. Ficou viúva aos 18 anos, aos 30 tornou-se uma mulher deslumbrante, capaz de encantar o jovem francês Henrique, futuro rei da França, 18 anos mais novo. Henrique casou com sua prima, Catarina de

Médici aos 17 anos, mas continuou mantendo um romance secreto com Diane. Foi ela que preparou Henrique para torna-se rei após a morte seu irmão mais velho. Mais do que amante, essa linda mulher foi fundamental na condução política do trono. Tornou-se membro do Conselho Privado, nomeava ministros e redigia documentos oficiais assinados como “HenriqueDiane”. De acordo com Lima(2011), ela era tão devotada ao rei que, “chegou a ensinar algumas posições sexuais à rainha, desesperada por não conseguir engravidar”(p.57). Diane recebeu jóias, castelo e título de duquesa de seu amado. Um amor infinito enquanto durou, e não durou muito. Em 1559, um duelo organizado pelo rei no palácio tirou-lhe a vida. Com a morte de Henrique, sua amante foi expulsa pela rainha.

Ao contrário de Daiane, outras amantes não eram tão fiéis aos seus amados. É o caso da espanhola Caroline Otero, uma das dançarinas e cortesãs mais desejadas da Europa na *belle époque*. Após uma trajetória artística que começou aos 12 anos de idade, fazendo shows de danças em salões, foi para Lisboa fazer shows em teatros. Virou amante de um rico banqueiro e teve vários outros amantes até se casar com um ator italiano, que o abandonou ao pegá-lo na cama com outra. Passou por vários países, em todos eles teve casos de amor com importantes personagens da história, dentre eles: o czar Nicolau II, da Rússia; Alberto I, príncipe Mônaco; Guilherme II, da Alemanha; Afonso, da Espanha; o príncipe Edward VII, do Reino Unido e o príncipe Pirievski, da Rússia. Este teria sido um dos seis homens que se mataram por Caroline, o que rendeu à dançarina o apelido de “sereia dos suicidas”. Caroline morreu aos 97 anos de idade, pobre e sozinha.

A inglesa Bárbara Villiers, condessa de Castlemaine, era casada e mesmo assim tornou-se amante do rei Charles II quando este assumiu o trono e teve com ele uma filha. Quando o rei se casou com a princesa portuguesa Catarina de Bragança, Bárbara teria ficado tão desesperada que, numa afronta à rainha, “pendurou as mais finas camisolas e anáguas de linho por galhos a arbustos do jardim real” (LIMA, 2011, p.58). O romance entre a condessa e o rei Charles continuou após o casamento dele. A amante dava palpite nas negociações comerciais e favorecia alguma pessoas para depois cobrar o favor. Bárbara morreu pobre aos 68 anos.

Outra amante famosa foi a também inglesa Maria Dolores Eliza Rosanna Gilbert, que fugiu de um casamento arranjado e foi estudar dança na Espanha. Ao voltar para Londres mudou de identidade e virou Lola Montez. Passou por vários países, fez amizades e teve romances com artistas e políticos. Em Munique tornou-se amante do rei Ludwig I. O governo de Ludwig, que até então era pautado pela Igreja, balançou com as ideias anticlericais da amante. “Ela derrubou o primeiro-ministro, torrava o dinheiro do rei, cuspiu e dava chicotadas em quem tivesse ideias contrárias às suas”(LIMA, 2011,p. 58). Após a morte da rainha, Ludwig e Lola se casaram, mas ele renunciou ao trono com medo de uma rebelião. Lola abandonou o marido ao descobrir que ele tinha sífilis.

Finalizando essa relação de amantes poderosas destacamos a francesa Françoise Athénais, amante do rei Luis XIV. Os dois se conheceram em 1661, quando ele estava

casado com Maria Teresa, da Espanha, e ela casada com o Marquês de Montespan. O romance tornou-se mais sério quando Françoise foi escolhida para dama de companhia de Maria Teresa. Inconformado com a traição o Marquês vestiu-se de luto e colocou chifres na carruagem e em sua própria cabeça. Motivo de chacota, o rei o expulsou de Paris. Acusada de bruxaria contra o rei, Françoise foi convidada a se retirar de Versalhes e deixou o palácio insultando o rei, dizendo que fora obrigada a aguentar o cheiro dele por 12 anos, pois o rei tinha fama de não gostar de tomar banho.

## **MULHERES INFIÉIS E AMANTES: ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS**

A antropóloga Mirian Goldenberg realizou estudos sobre a vida de Leila Diniz e afirma que a atriz disputava diferentes modelos de ser mulher: o religioso, que exigia a negação de sua sexualidade ou o seu exercício apenas nos limites do casamento e outro, que pode ser pensado como mais próximo do difundido pelo feminismo, pela contracultura e pela psicanálise, que buscava a igualdade entre homens e mulheres no mundo público e privado. A autora sugere em obras suas que “Toda mulher é um pouco Leila Diniz” e “A Outra”, que o desejo da igualdade, da liberdade ou a fantasia dos amores proibidos são elementos que podem está contidos no interior qualquer mulher (GOLDENBERG, 1995).

Esses desejos femininos nem sempre foram condizentes com as normas estabelecidas pelas sociedades. Em quase todas elas os parâmetros estabelecidos para o comportamento feminino estão muito mais próximos dos ideais religiosos, exigindo das mulheres dedicação familiar e fidelidade conjugal, mesmo que o comportamento contrário seja perfeitamente aceito para os homens. Devido a esse padrão de valores socialmente estabelecido, as mulheres sofrem, muitas vezes, uma perda de identidade. Pois, nas sociedades mais simples, interioranas, muitas mulheres não são conhecidas pelos seus próprios nomes, mas sim como a filha de “seu José”, no caso das solteiras; ou como a mulher de “João”, no caso das casadas.

Outras mulheres, cujas comportamentos não sejam definidos dentro desses mesmos padrões – na condição de filhas e esposas- por serem prostitutas, ou viverem na condição de amantes de homens casados, ou são casadas e tornaram-se adúlteras, passam a ser socialmente rejeitadas e vistas com preconceitos por grande parte da sociedade. Isto porque para a maioria das pessoas é mais “feio” a mulher ser infiel ao marido do que o homem trair a esposa, pois há desigualdades no contexto das relações de gênero que desfavorece a mulher no espaço da família e do casamento (GOLDANI, 2002).

O preconceito em relação a essas mulheres não se manifestam necessariamente em forma de rejeição da sociedade, mas, sobretudo, através de conversas informais (fococas), nas quais seus comportamentos são “julgados” e “condenados”, por conhecidos, vizinhos ou até mesmo parentes. Francisca Luciana de Aquino, num artigo que escreveu sobre a infidelidade feminina, afirma que, em muitos casos, a fococa emerge “nas práticas cotidianas

sem que ao menos houvesse a intenção de suscitar o disse-me-disse, simplesmente porque elas fazem parte da sociabilidade local” (AQUINO,s/d,p.5). A autora afirma ainda que, em suas pesquisas, observou que

os fluxos de notícias sobre o desrespeito às normas aceitas no local, como os casos de infidelidade conjugal que põem em xeque a monogamia e a estrutura familiar, eram muito mais saborosos por fornecer prazer, satisfação e entretenimento às pessoas(AQUINO,s/d,p.5).

No caso da fofoca surgir de forma não intencional, como elemento de sociabilidade, ou “passa tempo” prazeroso, não deixa de ser qualificada como preconceito, uma vez que este é entendido, segundo o minidicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete, como “opinião ou ideia preconcebida sobre algo ou alguém, sem conhecimento ou reflexão(AULETE, 2004,p. 638).

A doutora Olga Inês Tessari, afirma que apesar do preconceito, e das conquistas adquiridas pelas mulheres nos últimos anos, muitas mulheres ainda abrem mão de sua liberdade para viverem na condição de amantes em nome de uma paixão.

Maria de Nazaré, 44 anos, viveu como amante por longos 15 anos. “ Quando o conheci, era jovem recém formada e cheia de sonhos. Ele nunca me enganou, aceitei ser amante por que me apaixonei. É verdade que tem seu lado ruim, mas os bons momentos compensam a tristeza (Apud, TESSARI, s/d, s/p).

A autora acrescenta, ainda, que mesmo sofrendo preconceito as amantes conseguem enxergar o lado bom de ser a “outra”. Em outra passagem do texto Tessari cita o depoimento da vendedora Regina, de 24 anos, que relata: “Você só encontra com ele quando está de bom humor e as manifestações de carinho costumam ser sinceras (....) cada encontro é uma emoção, uma coisa diferente. Acho que nunca vou enjoar dele”.

Assim, a amante, que ocupa um lugar secundário na vida de um homem casado, e sofre preconceitos, redime-se diante da sociedade e de si própria, justificando sua condição pela dimensão do amor que sente por um homem comprometido.

A condição de amante está sempre relacionada à traição. No caso à traição masculina, pois as mulheres torna-se amantes dos homens casados, comprometidos com a esposa e filhos. Mas o preconceito não recai sobre eles, e sim sobre suas amantes. A sociedade é extremamente tolerante à traição masculina. É bastante comum se ouvir frases do tipo , “ no homem não paga nada”, “o homem tem passagem livre”. E, como a traição só é rigidamente condenada para as mulheres, “a esposa que trai o marido transgredir as normas que regem o casamento monogâmico e por esta razão vivencia a recriminação social e o estereótipo de uma mulher “sem valor”(AQUINO.s/d,p 11).

O preconceito em relação à condição feminina é inegável. Embora possamos afirmar que na prática muitos passos já foram dados em relação à igualdade de gêneros, com as mulheres já ocupando lugares antes considerados de exclusividade masculina, muitos valores não se modificam, ou não se modificam com a mesma velocidade que observamos

no desenvolvimento das tecnologias, por exemplo. Por isso, quando se trata de valores, cabe à mulher carregar o maior “fardo”, o preconceito, o julgamento e a condenação social.

## **ENTRE A FANTASIA E A REALIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DE SI NA CONDIÇÃO DA “OUTRA”**

Mirian Goldenberg, em seu livro “A outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado” (2004), relata as condições da amante, amásia, concubina. Este trabalho traz várias revelações, que lhes foram feitas por mulheres que vivem na condição da “outra”. Alguns desses relatos revelam a existência de um mundo de fantasias e segredos vividos por algumas amantes, do qual parecem não querer jamais se afastar, como revela uma de suas entrevistadas: “Ninguém nunca vai saber o que há entre nós dois. Só a nós é que interessa o quanto nos queremos bem”. Outra jovem amante, de 20 anos de idade, revela à pesquisadora o que ouvira de seu amado, de 40 anos: “Quero amá-la com a loucura que esse amor sugere, quero que se sinta sufocada pelos meus beijos quentes”.

São depoimentos que explicitam diversos sentimentos como fantasias, sonhos e desejos. Sentimentos que se contrapõem à realidade, ou às representações que são feitas dessa realidade: a amante como uma pessoa desprezível, destruidora de lares perfeitos. E a relação entre amante e um homem casado é sempre reprovável, é pecaminosa, na perspectiva da sociedade.

Além das discursões que fizemos acima, a partir das pesquisas bibliográficas e documentais, trazemos também as representações de mulheres comuns, que vivem na condição de amantes de homens casados, sobre si próprias, cujos relatos obtivemos por meio de uma pesquisa empírica que realizamos para elaboração de um trabalho de conclusão de curso(TCC) após tomarmos todos os cuidados que a ética em pesquisas científicas exige, inclusive utilizando nomes fictícios para preservar as identidades dessas mulheres.

Ao realizarmos nossas próprias pesquisas tivemos a oportunidade de conversar com 06 mulheres/amantes e ouvirmos delas algumas representações de si próprias na condição da “outra”, Considerando os limites deste trabalho, aqui as falas apenas de duas: Ana(20 anos) e Maria(18 anos). Mulheres muito jovens, que talvez por suas poucas experiências de vida enxergam seus relacionamentos com homens casados de uma forma muito romântica e, por vezes, fantasiosas. Algo perfeitamente identificável em qualquer menina que ainda vive o ciclo da adolescência.

No caso de nossas entrevistadas, o romantismo está sempre alinhado com a segurança afetiva e financeira que os homens mais velhos, dos quais são amantes pode lhes oferecer.

Quero compartilhar com ele todos os momentos felizes da sua vida, estando junto ou não. Mas o instante difícil que porventura ele venha a enfrentar, tenha a certeza de que estarei ao seu lado, ele me dar apoio, segurança e tudo

que eu preciso. É por isso que não vou deixar ele nunca, aconteça o que acontecer(ANA, 20 anos).

Em quase todos os casos levantados em nossa pesquisa encontramos uma realidade comum, as amantes são bem mais jovens que seus amados e de condições financeiras inferiores. Muitas delas, além do aspecto financeiro, relatam conflitos familiares, elementos que as teriam encorajados mergulhar em um relacionamento com homens casados, mesmo enfrentando a reprovação da família e o preconceito da sociedade.

Apesar de revelarem suas condições financeiras e familiares como elementos importantes no encorajamento de suas decisões, essas mulheres não deixam de ressaltar a importância da afetividade envolvida em seus relacionamentos, e o lugar que os seus amados ocupam em suas vidas, como nos relatou uma delas:

Não é só o apoio financeiro, eu gosto dele independente disso, gosto de verdade. Há momentos em que estou diante de milhares de pessoas e me sinto só, senão estou com ele. [...] Tem duas coisas que é muito ruim, uma é que minha família briga muito comigo, me diz coisas horríveis, e a outra é que nunca posso ficar com ele nos dias mais importantes como o aniversário dele, natal, ano novo...[...] Eu fico triste, mas a gente sempre comemora depois, tem presente e tudo.[...] Não gostaria que fosse assim, queria dizer pra todo o mundo que gosto dele, mas não posso (MARIA, 18 anos).

As representações que essas mulheres fazem de seus condições se contrapõem à ideia do senso comum de que as amantes são sempre mulheres interesseiras que se aproximam dos homens mais velhos, casados com o objetivo de tirar deles vantagens financeiras. Mesmo que tal situação possa existir, como demonstrou a pesquisa, a amante, tão julgada e condenada socialmente, possui sentimentos verdadeiros, amores gratuitos e incondicionais.

Nossa pesquisa também demonstrou a existência de um lado fantasioso e repleto de glamour nas relações extraconjugais. As amantes enxergam seus amados como os únicos homens capazes de realizar seus desejos. Mesmo que na prática muitas vezes isso não aconteça, esse é um elemento instigador para a permanência das mulheres na condição de amantes, o que, de certa forma, compensa não poder estarem juntos em datas e locais significativos.

A demonstração de felicidade com a relação vivida também aparece com muita frequência entre as mulheres/amantes entrevistadas. No entanto, os limites de nossa pesquisa não nos permitiram analisar até que ponto essa felicidade é mesmo verdadeira, ou se “ser feliz” na condição de amante é também uma forma de responder ao preconceito e à rejeição social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abraçamos neste trabalho o desafio de trazer à baila um tema instigante e polêmico

ao mesmo tempo. Literatura histórica nos revelou que, desde os tempos mais remotos, as sociedades já reservavam às mulheres condições subalternas e lhes impunham regras de comportamento diferentes das destinadas aos homens. Contudo, tais regras sempre foram transgredidas, pois, não raro, jovens e belas mulheres tornaram-se amantes homens poderosos, reis principalmente. Na relação com estes, quase sempre duradoura, muitas mulheres adquiriram influências políticas a ponto de interferirem no curso da história.

Estudos mais recentes sobre a condição da mulher, como os de Goldenberg(2004) e Goldani(2002), revelam que, mesmo com os avanços ocorridos na sociedade pós-moderna e os movimentos de sociais de luta pela igualdade de gênero, mulheres e homens continuam sendo tratados de forma desigual. A infidelidade masculina ainda é socialmente aceitável e, as vezes, justificada, enquanto que sobre as mulheres amantes, concubinas e infiéis ainda recaem o preconceito e o julgamento social.

Em pesquisa empírica que realizamos com 06 mulheres que se reconhecem como amantes de homens casados, compreendemos que suas condições de serem a “outra” lhes rendem muitos problemas no contexto familiar e social. São conflitos, rejeições, preconceitos e estereótipos como o de “interesseiras”. Não obstante, muitas afirmam viverem amores ardentes e correspondidos e respondem à sociedade com demonstrações de felicidade diante das condições em que vivem.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Francisca Luciana. **Mulheres “gaieiras”: fofoca e infidelidade conjugal nas redes de vizinhança em nova Guanabara-pe**. Recife, UFPE (s/d). Textos disponível no site: [http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Jk9bVm3udSwJ:www.cnpq.br/premios/ig\\_genero\\_4/mencao\\_francisca\\_luciana.doc](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:Jk9bVm3udSwJ:www.cnpq.br/premios/ig_genero_4/mencao_francisca_luciana.doc). Acessado em 06/10/11.

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1998.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

GOLDANI, Ana Maria. **Famílias e gêneros: uma proposta para avaliar (des) igualdades**. In: ALGRANTI, Leila Mezan (Org). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos, nº 48. Campinas, IFCH-Unicamp, 2002. p. 43-62.

GOLGENBERG Mirian. **De Perto Ninguém é Normal, estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro -São Paulo: Record, 2004.

\_\_\_\_\_ **Toda Mulher é meio Leila Diniz**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

\_\_\_\_\_. **A outra: um estudo antropológico sobre a identidade da amante do homem casado.** Rio de Janeiro: Revan, 1990.

LIMA, Fernanda de Castro. **O poder das amantes.** In: Revista Aventuras na História, nº 99, outubro de 2011, pp. 57-59.

TESSARI, Olga Inês. **Entre o preconceito e a alegria de ser amante.** Texto disponível no site: <http://www.olgatessari.com/id208.htm>. Acessado em 06/10/11.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abolicionismo 65

accionar 4, 89, 90, 94, 95, 98, 99

Amante 79, 80, 82, 84, 85, 86, 88

Amor 79, 81, 82, 84, 85, 87

A “Outra” 4, 79, 80, 84, 87

### B

Benzedeiras e rezadeiras 3, 1, 3

### C

Calidad de vida 89, 94, 95, 98, 99

Compromisso ético e político 111

Conhecimento tradicional 1, 7

### D

Direito 4, 7, 31, 32, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 53, 59, 60, 62, 63, 76, 77, 102, 106, 107, 108, 109, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 151, 155, 156

Direito à saúde 102, 106, 107, 108

Discurso 40, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 53, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 68, 70, 74, 124, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 143

### E

Espaços coletivos 111

Estudos de gênero 111, 112, 114, 116, 117, 120

### F

Feminismos 48, 122, 123, 131

### H

Homossexualidade 2, 4, 75, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 142, 149

### I

Igualdade de gênero 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 30, 33, 48, 87

## **M**

Mulher 2, 3, 12, 13, 14, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 66, 70, 71, 74, 75, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 107, 108, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 137, 146, 147, 151, 152

Mulheres trans 4, 122, 126, 127, 128, 130, 131, 133, 139, 151

## **P**

Patriarcado 3, 10, 11, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 58, 60, 63, 90, 125, 133

Política 1, 3, 7, 8, 10, 29, 31, 32, 37, 38, 70, 72, 75, 76, 82, 92, 103, 105, 106, 107, 108, 117, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 142, 150, 154

Políticas públicas 4, 28, 32, 36, 37, 66, 75, 102, 104, 106, 107, 108, 124, 129, 131, 145, 151, 154

Práticas religiosas afro-brasileiras 1

Preconceito 59, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 104, 107, 135, 143, 145, 149, 155

Prostituição 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 128

## **R**

Regulamentação 3, 65, 66, 71, 75, 76, 77, 102, 149

## **S**

Sociedade 2, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 27, 29, 30, 32, 33, 36, 37, 41, 43, 45, 46, 47, 51, 54, 57, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 77, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 103, 104, 109, 111, 117, 119, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 138, 139, 144, 154

## **T**

Transfeminicídio 4, 122, 124, 126, 131, 138, 151, 155

Transfobia 122, 124, 131, 134, 135, 145

## **V**

Violência 3, 4, 12, 13, 14, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 48, 49, 50, 58, 60, 76, 87, 105, 109, 112, 119, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 138, 139, 142, 143, 148, 151, 152, 154, 156

Violência de gênero 4, 13, 14, 28, 29, 30, 31, 37, 39, 122, 123, 124, 125, 131, 133

Violencia familiar 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100

Violencia física 89, 90, 91, 96, 99

Violencia psicológica 89

# GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2022

# GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2022